

## TEXTOS

(Sugestões para seminários)

### CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O PREÇO DO AÇÚCAR, (Henrique MILET)

Sendo destinados à exportação cerca de 80 por cento do açúcar produzido nesta província, ao passo que não representam nos grandes mercados consumidores mais que diminuta fração do consumo total daquele gênero, resulta daí:

1º) Que nem a importância das nossas safras, nem os maiores ou menores gastos da nossa produção exercem influência sobre os preços gerais dos mercados reguladores.

2º) Que os ditos preços, sobre os quais nenhuma ação podemos ter, são os mesmos que regulam também as compras e vendas para o consumo interno.

3º) Que qualquer imposto sobre o açúcar exportado, sobre as transações a que dá lugar, as embarcações que têm de transportá-lo, qualquer acréscimo às despesas de embarque são pagos exclusivamente pelo produtor, sem que deles recaia a mais insignificante parte sobre o consumidor, quer estrangeiro quer nacional.

São verdades intuitivas, que não precisam demonstração, embora, sob a fé de teorias econômicas mal compreendidas e aplicadas sem o devido critério, e provavelmente por ter lido em algum livro de além-mar - que, por via de regra os impostos são pagos direta ou indiretamente pelo consumidor, houvesse quem se animasse a sustentar, na nossa Assembléia Legislativa provincial - que os direitos cobrados sobre o açúcar que exportamos são pagos pelo consumidor estrangeiro!

Tão esdrúxula e errônea asserção, talvez tenha contribuído para o restabelecimento parcial dos direitos provinciais suprimidos em 1875; contudo, o contrário é consequência tão direta e evidente do fato incontestável, que nenhuma ação temos sobre a determinação do preço geral, de que depende o local, que não insistirei a respeito; sendo aliás o meu fim tratar hoje do custo da produção do açúcar, tão-somente até a chegada do gênero em casa do armazenário, e com exclusão dos gastos subseqüentes, que concorrem com as oscilações devidas ao câmbio externo de nosso meio circulante inconversível, para motivar a diferença existente entre o preço geral dos mercados reguladores, e são geralmente avaliados em 25 por cento do valor do gênero exportado.

Mostrei, nos meus artigos sobre os Quebra-Quilos, que, com os atuais processos de cultura da cana e fabrico do açúcar, o custo da produção era tal nos nossos engenhos, que o geral dos agricultores produzia com prejuízo, todas as vezes que o preço do açúcar em rama, na praça do Recife, era inferior a Rs. 2\$200 por 15 quilos.

Para cálculos daquela ordem, é sabido que não regulam os resultados obtidos pelos produtores que se acham em circunstâncias mais favoráveis, e sim os que são alcançados pelo maior número dos agricultores e que, quando o gênero é destinado ao consumo local, servem de base a constituição do preço pelo qual tem de ser vendido. Portanto, no caso que figurei, de um senhor-de-engenho que dispõe de dez escravos e faz anualmente mil pães, metade da fazenda e metade de plantadores, devia achar receitas superiores e gastos inferiores aos que espera a maioria dos agricultores; pois a soma total do açúcar exportado, dividida pelo número dos engenhos, dá no quociente apenas 600 pães para cada um.

Devo acrescentar que os algarismos acrescentados por mim, quer no que toca à produção agrícola, quer acerca dos resultados do fabrico, excedem muito a média, que resulta de doze anos de prática, durante os quais notei escrupulosamente os dias de serviço gastos em cada um dos diversos misteres do engenho. Para aproximar-me mais da realidade, fora mister reduzi-los, e também aumentar a verba despesas gerais e eventuais, em ordem de fazer face aos prejuízos, infelizmente muito reais, que sofri com perda de gado e furtos de cavalos.

Como, entretanto, podiam estes ser atribuídos à minha pouca sorte, ou negligência dos meus empregados, à pequenez das safras, ao

cansaço das terras em que eu trabalhava, e a minha inexperiência, tomei por base não o que obtive, e sim o que devia conseguir, no dizer dos meus colegas, e raras vezes pude atingir.

(Milet, Henrique Augusto - *A lavoura da cana de açúcar*. Apresentação de Manuel Correia de Andrade. Recife, Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 1989, pp. 26-28).

\*

### A VIDA NUMA ESTÂNCIA ARGENTINA (W. Mac Cann, 1853)

Na estância de M. Taylor havia 17 manadas e um de seus moradores possuía, pelo menos, dois mil cavalos de todas as idades. A proporção em que aumentam os cavalos é de trinta e três por cento ao ano; explica-se esse aumento extraordinário em razão de que o governo proíbe a matança de éguas porque necessita desses animais para remontar seus exércitos, formados principalmente por cavalaria. A infantaria exigida nos acantonamentos é muito escassa.

É difícil aclimatar uma manada quando se deixou seus campos nativos. Nestes casos é necessário rondá-la continuamente durante certo tempo, para evitar que as éguas fujam buscando sua querência. Ouvi falar de cavalos que, depois de dois e três anos de ausência, voltaram a seus campos nativos percorrendo uma distância de cem léguas.

A criação de mulas está muito desenvolvida também nesta região. M. Taylor possui um grande número delas e as exporta para o Rio de Janeiro, às Antilhas e para a ilha Maurícia. Essas mulas pagam cem pesos de papel cada uma, entre boas e más, mas postas a bordo, na Enseada ou Buenos Aires, para pagamento do frete, valem até um doblón. O procedimento de que se valem aqui para que as éguas criem mulas como criam seus potros, consiste em matar um potrinho, do qual tiram o couro; imediatamente envolvem com esse mesmo couro um burrinho da mesma idade, molham a cabeça e as patas com o sangue quente do potrinho e a égua se engana e o cria, adotando-o como seu. O burrinho se acostuma, por sua vez, à companhia das éguas e já não segue mais os animais de sua própria espécie.

A população é muito escassa e os crioulos são, geralmente, pouco inclinados as outras ocupações que não sejam os trabalhos próprios das estâncias. Vivem em seus ranchos e não dedicam um palmo de terreno a um jardim nem plantam hortaliças. Nunca cultivam a terra - sendo fertilíssima - porque seu alimento consiste exclusivamente em carne de vaca e de cordeiro. Não consomem tampouco pão, nem leite, nem verduras e raramente usam o sal. Têm por costume fazer o desjejum com mate e na realidade o bebem durante todo o dia. Por volta das onze da manhã comem carne e consomem o mesmo alimento à noite, uma hora depois de entrado o sol. Os recursos do país não se aproveitam, porque os habitantes são pouco industriosos. Assim, por exemplo, na casa onde eu me hospedava, mandavam lavar a roupa, semanalmente, num local distante seis léguas. Os salários parecem baixos, mas na realidade não o são, porque todo aquele que tem disposição para trabalhar pode economizar dinheiro e bastar-se a si mesmo em pouco tempo. Mas é difícil encontrar quem lhes cultive a terra, os dispostos a esse trabalho são os inúteis ou os imigrantes recém-chegados e pouco aptos para essas fainas.

Os peões e os pastores de ovelhas ganham mensalmente de cem por cento e cinqüenta pesos de papel, com mais seis libras de erva, certa quantidade de sal e carne de vaca e ovelha a vontade. O peão mora em seu rancho e, se tem mulher e filhos que o ajudem a cuidar das ovelhas, pode deixar sua casa para ganhar outra jornada por aí, o que significa diariamente um suplemento de vinte pesos. No trabalho por jornada quando se trata de ferrar, ou apartar o gado, o peão ganha de vinte a vinte e cinco pesos diários, mas deve servir-se de seus próprios cavalos e para trabalhos semelhantes se requerem dez ou doze animais. O trabalho é, na verdade, muito rude e não é de surpreender que, depois de uma faina dessa natureza num clima tão quente sobrevenha um período de folga. Os cavalos ficam exaustos e o pasto natural não é suficiente para restaurá-los depois de um esforço tão acentuado.

(Mac Cann, William - *Viaje a caballo por la República Argentina*, apud *A América Latina de colonização espanhola*, de Manoel Lelo Bellotto e Anna Martinez Corrêa, p 188-189. São Paulo, Hucitec/Edusp, 1979).